

Um Retrato da Memória de Eneida em “Cão da Madrugada”

Una Representación de la Memoria de Eneida en “Cão da madrugada”

A Depiction of Eneida's Memory in “Cão da madrugada”

Evelim Mendes dos Santos

Resumo: Este artigo é parte de um programa de pesquisa que estuda e desenha Cartografias Poéticas da Amazônia, desenvolvido no Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas. A composição deste traço do mapa compreende o estudo das memórias subterrâneas presente em crônicas da escritora paraense Eneida de Moraes. De cunho bibliográfico e qualitativo, a pesquisa discorre acerca das principais concepções de memória, dentre elas, a memória subterrânea, referente aos excluídos e marginalizados socialmente. Compreende-se, então, o papel social da literatura, o que passou despercebido pela memória oficial vem à tona no texto memorialístico. O presente texto recorta do trabalho maior a apresentação de crônicas do livro *Cão da Madrugada* e divide-se em duas partes: a primeira apresenta traços biográficos da vida da escritora, essenciais para a compreensão da obra, e a segunda conta sobre as memórias referidas em crônicas da escritora.

Palavras-chave: Eneida. Memória. Cão da Madrugada.

Resumen: Este artículo es parte de un programa de investigación que estudia y diseña Cartografías Poéticas de la Amazonia, desarrollado en el Núcleo de Investigación Culturas y Memorias Amazónicas. La composición de este trazo del mapa comprende el estudio de las memorias subterráneas presente en crónicas de la escritora paraense Eneida de Moraes. De cunho bibliográfico y cualitativo, la investigación discurre sobre las principales concepciones de memoria, entre ellas la memoria subterránea, referente a los excluidos y marginados socialmente. Se comprende, entonces, el papel social de la literatura, lo que pasó que es inadvertido por la memoria oficial, viene a la superficie en el texto memorialístico. El presente texto recorta del trabajo mayor la presentación de crónicas del libro *Cão da Madrugada* y se divide en dos partes: la primera presenta rasgos biográficos de la vida de la escritora, esenciales para la comprensión de la obra, y la segunda cuenta sobre las memorias referidas en las crónicas de la escritora.

Palabras clave: Eneida. La Memoria. Cão da Madrugada.

Abstract: This article is part of a research program that studies and designs Poetic Cartographies of Amazon, developed in the Amazonian Cultures and Memories Research Center. This map's feature composition comprises the study of the underground memories present in chronicles of the Paraense writer Eneida de Moraes. From a bibliographic and qualitative perspective, the research addresses the main conceptions of memory, among them the underground memory, referring to the excluded and socially marginalized. It is understood, then, the social role of literature, what has been unnoticed by the official memory comes to the surface in the memorialistic text. The present paper takes, from the main work, the presentation of chronicles of the book *Cão da Madrugada* and is divided in two parts: the first presents biographical features of the life of the writer, essential for the understanding of the work, and the second accounts on the memories referred in chronicles of the writer.

Keywords: Eneida. Memory. Cão da Madrugada.

Evelim Mendes dos Santos – Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitora do Programa de Monitoria da UEPA. Bolsista Voluntária de Iniciação Científica no Projeto “Das cartas: a Belém de antigamente de Mário de Andrade” (FAPESPA/UEPA/PPGED, 2017) e Bolsista do Projeto “Da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica ao Audiovisual: um convite à leitura de obras produzidas no anfiteatro amazônico (PIBIC/CNPq/UEPA, 2016). E-mail: evelim_mds@ymail.com

INTRODUÇÃO

1. Simplesmente Eneida

Eneida de Villas Boas Costa de Moraes, ou simplesmente Eneida, como ela mesma preferia ser chamada, nasceu no dia 23 de outubro do ano de 1903, em sua amada cidade Belém do Pará. Seu nome faz alusão à obra clássica do poeta Virgílio, foi uma homenagem feita pela sua mãe. Eneida foi jornalista, escritora, militante política, pesquisadora e uma das principais conhecedoras do carnaval brasileiro.

Veio ao mundo numa época de regalias do Ciclo da Borracha, desfrutando um berço privilegiado. Neste período, de acordo com Caetano dos Santos (2015, p. 131), “o porto da capital paraense servia de escoadouro para a embarcação da borracha que vinha de Manaus para a Europa e outros países”. A exportação tornou a cidade uma das mais prósperas do país. Eneida pertencia a uma família de classe média alta, sua mãe era professora e seu pai era um comandante de navios, que, como nos lembra Josse Fares (2012, p. 201), “singrava os rios amazônicos, onde mergulhava os olhos que retornavam encharcados de vivências ribeirinhas, repassadas, mais tarde, à filha”.

Por que não falar em meu pai, se ele foi um legítimo cidadão daquelas águas, comandando pequenos navios, vivendo uma a uma a clemência, a impiedade, a paz e a guerra daquele mar que era o seu rio? Para aquele caboco que amava muito mais o rio do que a terra, ficar longe das águas, era olhar silenciosa e paciente o chão, como se duvidasse da existência de outra coisa fora do rio, dos igarapés, dos afluentes. (ENEIDA, 1955, p. 17-18).

A cronista nasceu na rua Benjamin Constant, numa casa que seu próprio pai mandou fazer especialmente para ela nascer. “O terreno era enorme – quase um quarteirão – com uma mangueira tão grande e tão gorda que prometia a todos e a todos dava, sombra, amor, acolhimento” (ENEIDA, 1989, p. 209). Com isso, ela mesma afirmou em depoimento realizado em 1967 e publicado em 2006, sob a organização de João Carlos Pereira, que, desde o nascimento, já foi gente grande, tinha orgulho de ter nascido no Pará “com toda a glória e honra”.

Neste mesmo depoimento, Eneida nos relata que sua infância em Belém foi muito bonita, na verdade, a mais bonita do mundo, pois toda a sua vontade enorme de viver estava baseada em sua infância, que foi absolutamente feliz. Para Eneida, todas as crianças do mundo mereciam ter a infância que ela teve. Isto porque teve uma grande mãe que a incentivou a ter o gosto pela leitura, e um grande pai que contava para ela as lendas amazônicas, como ela descreve em seu livro *Banbo de Cheiro*:

meu pai contando lendas: o boto, que nas noites claras se transformava em homem para seduzir donzelas, de calça branca e paletó preto; a iara chamando homens e mulheres para o fundo do rio; a boiúna viajando como um grande navio todo iluminado; o uirapuru anunciando felicidades. (ENEIDA, 1989, p. 214).

A escritora relembra, também, a sua professora de infância que se chamava Hilda. A mesma ensinava a geografia amazônica, falava sobre o rio Amazonas, o mais importante rio que banha o Pará, que nasce no Peru e vem parar em terras brasileiras. A menina adorava essas lições, adorava o rio Amazonas, gostava de estudar a geografia da sua região, era seu mundo de poesia e imaginação.

O Amazonas: se eu pudesse dizer, sem ser ridícula, que esse rio embalou meu sono de menina; se eu contar, sem parecer piegas, que meu pai, caboclo autêntico, desde que chegávamos à cidade de quatro anos começava a levar-nos para viajar com ele, esse rio que tanto amava; se eu pudesse relembrar que diante daquelas águas, aquele homem contava-nos lendas, falava-nos em volume, trajetória, afluentes, furos, igarapés, paranás. (ENEIDA, 1955, p. 17).

Quando Eneida foi para o seu primeiro colégio, já sabia ler, pois tinha muita vontade de ler e sua mãe sentiu que a curiosidade da menina precisava ser atendida, não se interessava mais em apenas olhar figuras, almejava ler, tanto que aprendeu aos quatro anos de idade.

Eunice Santos (2005, p. 100) observa que em 1910

o anúncio de um concurso de conto infantil, publicado na Revista Tico-Tico, chamou a atenção da pequena Eneida, então com sete anos. Sem que a família soubesse, inscreveu seu primeiro conto narrando a história de um lenhador – personagem simbólica do caboclo amazônico. Ganhou o primeiro lugar e um prêmio de vinte mil réis com direito a ter o nome impresso nas páginas da revista.

Aos dez anos, Eneida foi enviada para Petrópolis, no Rio de Janeiro, e estudou até os treze anos no Colégio de Sion, um internato bastante tradicional onde, atualmente, funciona um dos *campus* da Universidade Católica de Petrópolis. Para matar a saudade por causa da distância, a menina se comunicava com sua mãe por meio de cartas.

Nossas cartas eram longas e assíduas. Nunca me faltaram as dela; nunca lhe faltaram as minhas. Quando fui presa pela primeira vez em São Paulo – 1932 – a polícia tomou-me tudo o que então possuía [...] e também as cartas que minha mamãe escrevia para o internato, cartas dela e minhas que me acompanhavam como amigas sempre atentas, companheiras das quais parecia impossível a separação. Gostava de relê-las; era uma maneira de revivê-la em gestos, alegrias, risos, voz e beleza. (ENEIDA, 1989, p. 235).

Eneida voltou a Belém em 1918, época de profundas mudanças nesta cidade, como “o aparecimento de associações literárias, revistas e jornais; o ressurgimento da Academia Paraense de Letras; a fundação da Associação de Imprensa do Pará. É também o ano de circulação de duas importantes revistas locais: Guajarina e A Semana”. (SANTOS, 2005, p. 101).

Ao falar sobre sua participação na vida literária do Estado e sobre a influência do Modernismo nos homens de letras do Pará, Eneida (1967) afirmou que começou antes mesmo dos quinze anos, quando entrou para a revista *A Semana*, de Belém do Pará, como secretária. Desta forma, conheceu o movimento, os poetas, encantou-se. Com base em Eunice Santos (2005, p. 101), Eneida integrava a “Associação dos Novos, uma academia literária em torno da qual se aglutinaram estudantes, jornalistas e poetas como, entre outros: Peregrino Júnior, Bruno de Menezes, Paulo de Oliveira e Abguar Bastos”.

A partir de 1926, de acordo com Eunice Santos (2005, p. 102),

passa a grafar seus escritos apenas com o nome Eneida, excluindo o sobrenome do pai (Costa) e do marido (Moraes). Por essa época, colabora na Revista

Belém Nova, editada por Bruno de Menezes e Paulo de Oliveira, e no jornal Para Todos, dirigido por Álvaro Moreyra. [...] muitos paraenses, incluindo o próprio Abguar e Eneida, colaboraram na Revista Antropofagia. [...] A experiência nas revistas citadas, a convivência nos círculos literários paraenses (e eventualmente no Rio de Janeiro) e a reconhecida performance de sua prosa facultaram à escritora o ingresso no jornal O Estado do Pará, dirigido por Affonso Justo Chermont e de tendência opositiva ao governo local.

Mais tarde, em 1930, publica um livro chamado *Terra Verde*, ao qual ela mesma considerou como fruto de sua fase de menina rica e inexperiente, como afirma em *Banho de Cheiro*:

um livro ingênuo, livro de menina rica, mas já afirmativo do amor que sempre senti pela minha terra, meu povo, minha gente. Desse livro não me arrependo; olho-o como se estivesse lembrando uma de minhas travessuras. Que poderia eu fazer naquela época senão um livro assim, apenas impregnado de amor? Que sabia eu – naquele tempo – dos grandes problemas do homem amazônico, da miséria sem fim, do abandono que ele vive, do violento choque entre a grandeza da floresta, a beleza do rio e a opressão do homem? Que sabia eu então, além do lado bonito da terra, as lendas, os pássaros, nossos hábitos, nossa paisagem sempre verde, o silêncio da floresta? (ENEIDA, 1989, p. 273).

Esse livro que Eneida considerava simplório e infantil lhe possibilitou conhecer os intelectuais de Belém da época. A partir deles, a escritora foi adquirindo curiosidade em conhecer o marxismo, a ideologia comunista. Primeiramente leu *Karl Marx: Sua Vida Sua Obra*, de Marx Beer, uma leitura demasiadamente difícil para ela. Depois, leu o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, de qual Eneida (1989, p. 274) afirma: “aqueles dois homens diziam, numa linguagem especial, tudo o que eu queria saber, como se adivinhassem meus sentimentos, a maneira pela qual eu encarava a vida. Interpretavam o que eu sentia, sem saber definir-me”.

Ao conhecer o marxismo, Eneida largou tudo, seu casamento, seus filhos, e, como aponta Josse Fares (2012, p. 201), “deixou de lado a vida abastada e despreocupada e foi viver novamente no Rio de Janeiro, mas, desta vez, instalou-se na capital federal da época (Rio de Janeiro)”. Eunice Santos (2008, p. 69) lembra-nos que “seduzida pelas ideias socialistas, na década de 1930, integrou-se ao discurso proletário quando este se fez uma motivação radical, produzindo e distribuindo material de propaganda e jornais de célula”.

Nos anos seguintes, a escritora participou de forma permanente dos programas do Partido Comunista, engajou-se na luta pelos mais fracos e tornou-se uma efetiva opositora de Getúlio Vargas. Este foi o motivo de seu sofrimento no Pavilhão dos Primários, onde foi presa e conviveu com outros intelectuais brasileiros como Olga Benário, Sabo Berger, e o romancista Graciliano Ramos. Neste período, vivenciou a dolorosa perseguição política do Estado Novo.

Eneida foi repórter do *Diário de Notícias*, e, assim, conheceu a crônica. Escrevia crônicas todos os dias. “Não considero assim que eu tenha feito uma grande literatura, nem que seja um grande nome. Mas é aquela coisa, fiz o que eu podia fazer. Quer dizer, eu escrevo como falo e falo como vivo” (ENEIDA, 1967, p. 40, entrevista concedida a Dalcídio Jurandir e Miécio Tatti).

Após a Segunda Guerra Mundial, no ano de 1949, Eneida foi morar em Paris. Na década de 50, fez uma longa viagem pela Rússia, por alguns países socialistas e pela China. Desta jornada,

resultaria o livro *Caminhos da Terra*, o qual termina com um interessante relato da escritora: “Eu vi nos países socialistas, principalmente, crianças felizes, crianças saudáveis, crianças rindo. Isso, só isso me bastaria para amá-los e bendizer esta viagem” (ENEIDA, 1959, p. 156).

Mesmo viajando pelo mundo, Eneida não deixava de se importar pela realidade de seu país. Não parou de lutar pela justiça social e pela liberdade. Apaixonada pela cultura de seu povo, interessou-se pelo Carnaval. Foi presidente da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, promotora do Baile do Pierrô, e escreveu a *História do Carnaval Carioca* em 1958.

A escritora faleceu na manhã do dia 27 de abril de 1971, no Rio de Janeiro, seu corpo foi transferido para Belém porque era seu desejo dormir eternamente na sua amada cidade Belém do Pará, que seu corpo servisse para dar seiva às mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras.

Desta forma, seguem os títulos de algumas obras de Eneida:

Poesia:

Terra Verde, 1930.

Contos:

Boa Noite, Professor, 1965.

Crônicas:

Cão da Madrugada, 1954;

Alguns personagens, 1954;

Aruanda, 1957;

Banho de Cheiro, 1963;

Rancho de Cheiro, 1962.

Infantil:

Katé, 1953;

Molière narrado para crianças, 1965.

História:

História do Carnaval Carioca, 1958;

História dos Subúrbios, 1959.

Relato de vigem:

Caminhos da Terra, 1959.

Reportagem:

Romancista Também Personagens, 1962.

Livros inéditos:

O quarteirão, 1936;

Paris e outros sonhos, 1951;

Sujinho de terra, 1953.

2. As crônicas de Eneida e a obra *Cão da Madrugada*

Eneida foi uma excelente narradora de histórias. Histórias de vida, de gente, de alegria. Histórias que se aproximam do nosso cotidiano. Narrativas simples, belas, encantadoras e cheias de amor, verdades e memórias. Desde pequena, ressalta a autora, Eneida buscava a liberdade, suprimia preconceitos e odiava injustiças. Não gostava de bonecas, pois não tinha tempo para brincar com elas, esperava a maioridade, queria ser gente grande. Era, de acordo com a autora, uma mulher à frente do seu tempo, boêmia, amante da noite, atuante no carnaval, e escritora memorialista.

As crônicas, de acordo com Eunice Santos (2008, p. 70),

revelam muito das dificuldades que a escritora enfrentou, porque transgrediu os códigos patriarcais para exercer sua opção política, conquistar espaços e autonomia literária – a exemplo do que aconteceu com outras mulheres que também se infiltraram nos redutos masculinos, buscando desbloquear os interditos culturais ao seu gênero.

Nas obras de Eneida, Fares (1993, p. 6) evidencia a presença de um “lirismo matizado de social”, visto que a cronista paraense “vai tecendo com fios de nostalgia e memória um fino tecido de humanidade”.

A memória que guardou da infância e da experiência vivida no cárcere constituiu-se o leimotivo de suas crônicas. Portanto, estamos diante de uma obra marcadamente autobiográfica e memorialista. No seu tecido da memória, a cronista misturou os matizes da luz e da sombra, da alegria e da tristeza, do lirismo e da denúncia. (FARES, 2012, p. 201).

Para Fares (1993, p.6), “não existe narrador sem memória. E é da reminiscência que a escritora vai tirando o retrato de sua época, marcada pelo sombrio Estado Novo Getulista”. É mergulhando em suas lembranças que Eneida nos revela suas dores e torturas sofridas na prisão, sua luta em favor dos oprimidos, sua memória subterrânea.

Ao ler a obra da escritora, é impossível, de acordo com Moura (1993, p. 8), “deixar de admirar o valor contido na expressão de sua linguagem viva, colorida, sinestésica, dinâmica e sua inspiração na demonstração de um sentido poético da realidade”. Na sua obra, predominam as emoções, o estilo simples, linguagem coloquial, regionalismo equilibrado e período curtos. Tais recursos criam o aspecto pictórico da obra de Eneida.

Sem banalidade, a cronista Eneida pretende-se não o repórter da crônica fria e objetiva, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhando do acontecimento sua porção imanente da fantasia. Como crônica literária, seu fazer oscila, assim, entre a poesia e o conto. (JACOB, 1993, p. 19).

O gênero crônica foi escolhido por Eneida por conta de sua busca em expressar os trechos de sua memória sobre a fase revolucionária que vivenciou, em uma linguagem mais acessível, mais próxima do leitor, permeando pelos jornais e pela literatura. Escrevia com simplicidade e conscientemente, sem pretensões a coisa nenhuma, estava ao lado do povo, a favor dos oprimidos e reprimidos pela sociedade. A maneira de a escritora interpretar o mundo, como nos informa Santos (2008, p. 70),

encontra-se registrada em vasta produção intelectual publicada em periódicos e livros – mecanismo que ela utilizou para veicular suas idéias em 50 anos de atuação no cenário político e jornalístico-literário brasileiro (1920-1970). No conjunto dessa obra, há que se destacar um número expressivo de crônicas “militantes” de conteúdo ao molde das teses marxistas-leninistas, conforme registrado nos livros que compõem a trilogia memorialista da escritora: *Cão da madrugada* (1954); *Aruanda* (1957) e *Banho de cheiro* (1962).

Entretanto, com base em Caetano dos Santos (2015), por mais que encontremos nas crônicas da escritora um importante registro literário e histórico sobre os subterrâneos das prisões do período ditatorial de Getúlio Vargas, tais crônicas não têm recebido o merecido destaque por seu valor estético e criativo ao tratar dos traumas e da memória, dos sentidos reprimidos e silenciados.

Cão da Madrugada é uma coletânea de 29 crônicas escritas por Eneida durante o segundo governo Vargas e publicada pela primeira vez em 1954. O cão da madrugada, de acordo com a própria Eneida (1955, p. 10), “sofre com o sofrimento dos humilhados; não se curva aos poderosos; não inveja riquezas”. Late na esperança de um dia melhor que vai chegar, ladra ao vulto que vem distante, porque não sabe, ainda, se é um amigo ou um inimigo, late porque não está de acordo com certos ruídos, nem com o pisar de certos pés.

Podemos entender, no cão da madrugada descrito por Eneida, uma simbologia do caminhar dos oprimidos em busca da esperança, em busca de dias melhores, visto que a madrugada significa a claridade que antecede o nascer do sol. Eneida afirma que o cão se alegra quando a madrugada anuncia um dia claro, mas se entristece quando ocorre o contrário, sofre com os humilhados, não se curva aos poderosos e não inveja riquezas.

O cão da madrugada late pelos que vivem da madrugada, como ela própria, pois revela, na primeira crônica do livro, *Falando da amiga morta*, que vivia da madrugada, escrevendo sobre política, literatura e arte. Seus próprios vizinhos reclamavam do barulho da sua máquina de escrever. O latido do cão é como uma proteção às pessoas da madrugada, como mendigos, moradores de rua e trabalhadores noturnos.

Na sua crônica *Ouçam o ruído dos jacumãs*¹, após ler telegramas de jornais sobre as enchentes que estavam ocorrendo no rio Amazonas, provavelmente do ano de 1953, em que o Amazonas sofreu a maior de todas as cheias ocorridas no Estado, Eneida se reporta com saudades à sua terra natal, lamentando o que estava ocorrendo e denunciando o descaso das autoridades. A autora relata, de forma triste, o estrago e destruição que as enchentes provocam na vida do caboclo amazônico.

Sempre foi assim desde que se entende: quando o rio enche leva casas, destrói moradias. Se lhe disserem que nunca houve uma enchente igual àquela, caboclo resmungará sorrindo incrédulo e talvez formule uma ironia. Sempre foi assim. Agora, como das outras vezes, caboclo sabe que deve é procurar outro lugar até outro dia, outra vez em que o rio volte à sua fúria e arrase, leve, carregue, arranque, arraste, avance. (ENEIDA, 1955, p. 18).

Por mais que os jornais da época retratassem aquela enchente como uma das maiores que já houvera, Eneida sabia que os ribeirinhos sempre enfrentavam enchentes terríveis como aquela,

¹ Segundo o minidicionário contemporâneo da língua portuguesa, de Aulete (2011), jacumã é um tipo de pá indígena usada como remo ou leme.

e que o estrago era tão grande que muitos eram obrigados a deixar suas casas e ir em busca de outro abrigo.

Ainda nesta crônica, Eneida conta o mito de origem do rio Amazonas (Surnizuno) e da ilha do Marajó (Nonhon),

Lembro de Tungurana, pai de Surnizuno, exigindo de Nunó – a lua – que derramava somente leite na boca de Paqueima – a madrugada – que fizesse também auroras sangrentas. Surnizuno, filho de Tungurana, depois se chamou Solimões, Maranhão e finalmente Amazonas. Isto tudo acontecia naquele tempo, quando deuses, rios, florestas e pássaros falavam, sentiam e agiam, eram gente. Surnizuno despertou o amor de Nonhon, a virgem que guardava em si os tesouros da terra e ela, um dia, cheia de amor, beijou-o na boca. O beijo de Nonhon não interessava Surnizuno porque ele não a amava; a carícia enfureceu-o, a ousadia irritou-o e assim, de sua tremenda cólera, surgiu a pororoca. Como castigo pela audácia que tivera, Capú transformou o corpo de Nonhon numa ilha: a do Marajó. (Não se beija impunemente o Amazonas). Sobre o corpo de Nonhon feito ilha, Paqueima teve ordem de realizar os desejos de Tunguragua: enfeitá-la com madrugadas sangrentas (ENEIDA, 1955, p. 19).

Em *Estão matando um homem*, a escritora discorre a respeito da prisão e torturas sofridas pelo líder revolucionário Odúlio Barthe, por causa de sua forte oposição ao governo ditatorial de Higinio Morinigo, no Paraguai. Eneida (1955, p. 79) afirma: “preciso unir minha voz a outras vozes, olhar de frente, reviver um caso urgente e triste, muito triste, onde há um homem que está sendo assassinado lentamente”.

A cronista sabia que as palavras de uma mulher simples como ela não teriam nenhum valor, mas não se importava, pois tinha certeza que sua voz tão fraca e tão rouca faria parte de um coro de vozes claras e sonoras. De acordo com a escritora, Odúlio Barthe pensava sempre em seu povo, clamava por Democracia, Liberdade e Independência. Tornou-se o chefe civil da Revolução Popular de Concepción em 1947, cujo objetivo era ter o direito público reconhecido pelo ditador Morinigo. Porém, foi preso. A narrativa de seu sofrimento pode ser lida no trecho abaixo:

olhos vendados, viagens através de desconhecidos lugares, aplicações de choques elétricos, unhas arrancadas, ameaças de morte, insultos e latidos de cães em noites sombrias. Água, pão, sono, tudo lhe foi negado; queimados os dedos de suas mãos, proibida toda e qualquer assistência jurídica. (ENEIDA, 1955, p. 81).

Há, na coletânea, outras crônicas que revelam o engajamento social de Eneida: em *Cuidado, muito cuidado*, a mesma escreve sobre as crianças que foram vítimas de granadas deixadas nos campos de combate pelos exércitos aliados e alemães, durante a Segunda Guerra Mundial; em *Lamentos por um fracasso*, a escritora contesta as medidas repressivas da Prefeitura do Rio de Janeiro contra vendedores ambulantes de folhas e flores; em *Na beira do abismo*, *Samba*, Eneida considera o Carnaval como representante da história social dos problemas do povo brasileiro.

De acordo com Pollak (1989), *memória subterrânea* é a da memória das minorias, isto é, dos marginalizados pelo discurso oficial. Perpassa pelas chamadas políticas de esquecimento e políticas de memória, abordadas por Soraia Ansara (2012). Enquanto aquelas visam estancar os sentidos,

estas contribuem para a preservação da memória do trauma. Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer a memória de Eneida como uma memória subterrânea e refletir sobre a importância da construção da memória dos vencidos – aquela que irrompe dos subterrâneos da história –, além de atentar para a preservação dos lugares de memória, como, por exemplo, os textos memorialísticos, pois contribuem para guardar vestígios, testemunhos, imagens e discursos que passam despercebidos pela historiografia oficial.

REFERÊNCIAS

ANSARA, Soraia. *Políticas de memória x políticas do esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial*. Psicologia política. São Paulo, n. 24, v. 12, p. 297-311, maio – ago. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v12n24/v12_n24a08.pdf> Acesso em: 27 abr. 2017.

CAETANO DOS SANTOS, Robson. Escudo de Perseu: as estratégias de narrar o trauma nas crônicas de Eneida de Moraes sobre a ditadura de Getúlio Vargas. *Revista ContraPonto*. Belo Horizonte, n. 7, v.5, p. 129-142, 2º sem. 2015. Disponível em: Ensino, Educação e Interdisciplinaridade Revista Cenas Educacionais, Caetité – Bahia - Brasil, v. 1, n. 1, p. 271-296, jan./jun. 2018. 295 <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/view/11162>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ENEIDA. *Cão da madrugada*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

_____. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia. China*. Rio de Janeiro: Antunes Livreiros e Editores, 1959.

_____. *Eneida: depoimento [1967]*. Entrevistadores: Dalcídio Jurandir e Miécio Tatti. João Carlos Pereira, organizador. Belém: Unama, 2006.

_____. *Aruanda / Banho de cheiro*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

FARES, Josse. *Eneida, o matiz social num tecido de lirismo*. In: *Asas da Palavra – Revista de Letras*. Belém: Unama, 1993.

_____. *De Porongas, cestos e palavras: vozes de ensinar e aprender*. Belém: s/e., 2012.

MOURA, Lucyrene Aranha. *Viajando com a linguagem de Eneida*. In: *Asas da Palavra – Revista de Letras*. Belém: Unama, 1993.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.



SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida de Moraes: militância e memória*. In: Em tese. Portal de periódicos da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, v. 9, p. 99-106, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3539>>. Acesso em: 14 maio. 2017.

_____. *Eneida de Moraes: Tons e Semitons do Exílio*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Universidade Federal de Santa Catarina, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Eunice_Ferreira_dos_Santos_19.pdf > Acesso em: 01 out.2017.

_____. *Nas tramas da memória: a cronista e militante Eneida de Moraes*. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º. 32. Brasília, julho-dezembro de 2008, p. 69-76. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1999>> Acesso em: 14 maio. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.